

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E A DEFASAGEM DO ENSINO DA CARTOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE ORIENTAÇÃO E LEITURA DE MAPAS

Ricardo Santos de Almeida

Mestre em Geografia, pela
Universidade Federal de Sergipe.
Prof. vinculado ao Núcleo de Estudos
Agrários e Dinâmicas Territoriais, da
Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão, Delmiro Gouveia.
ricardosantosal@gmail.com

Jussara Santos de Melo

Graduanda do Curso de Licenciatura
em Geografia da Universidade Federal
Alagoas,
Campus do Sertão, Delmiro Gouveia.
jussarameloxd@gmail.com

Leandro Bezerra Feitoza

Graduando do Curso de Licenciatura
em Geografia da Universidade Federal
de Alagoas,
Campus do Sertão, Delmiro Gouveia

Resumo

A cartografia tornou-se um recurso fundamental para o ensino e a pesquisa da Geografia, nesse sentido, o presente texto busca compreender, primeiramente, quais os fundamentos de uma alfabetização cartográfica de qualidade nas séries iniciais, com base teórica nos estudos de Katuta (2002), Almeida *et al* (2006), Simielli (2007), Francischett (2004) entre outros. Em seguida, caracterizamos alguns dos principais motivos da defasagem do ensino cartográfico das escolas brasileiras. Por conseguinte, abordamos o uso dos recursos didáticos pelo professor de geografia na sala de aula como mecanismo para uma construção do conhecimento eficiente no ensino de orientação e leitura de mapas, visto que, o recurso didático é tudo aquilo que tenha por finalidade fazer a aproximação do aluno com o professor na busca pela eficaz apreensão dos saberes dispostos, isso na forma de materiais que despertem o interesse dos alunos.

Palavras-Chave: Alfabetização Cartográfica, Recursos Didáticos, Orientação, Leitura de Mapas.

CARTOGRAPHIC LITERACY AND THE GAP OF CARTOGRAPHY TEACHING IN INITIAL SERIES: USE OF TEACHING RESOURCES IN ORIENTATION EDUCATION AND MAP READING

Abstract

Cartography has become a key resource for education and research of geography in this sense, this text seeks to understand, first, that the foundations of a cartographic literacy quality in the early grades, with theoretical basis of the study Katuta (2002), Almeida *et al* (2006), Simielli (2007), Francischett (2004) among others. Then we feature some of the main reasons for the lag of cartographic education in Brazilian schools. Therefore, we address the use of teaching resources by geography teacher in the classroom as a mechanism for building efficient knowledge in teaching orientation and reading maps since the teaching resource is anything that has the purpose to approximate the student with the teacher in the search for effective seizure of the willing knowledge, this in the form of materials to arouse students' interest.

Keywords: Cartographic Literacy, Educational Resources. Guidance. Map Reading.

ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA Y EL DESAJUSTE DE LA ENSEÑANZA DE LA CARTOGRAFÍA EN LAS SERIES INICIALES: USO DE LOS RECURSOS DIDÁCTICOS EN LA ENSEÑANZA DE ORIENTACIÓN Y LECTURA DE MAPAS

Resumen

El mapeo se ha convertido en un recurso clave para la educación y la investigación de Geografía, en este sentido, este texto busca comprender, en primer lugar, que los cimientos de una calidad cartográfica de alfabetización en los primeros grados, con base teórica del estudio Katuta (2002), Almeida *et al* (2006), Simielli (2007), Francischett (2004), entre otros. A continuación, presentamos algunas de las principales razones para el retraso de la educación cartográfica en las escuelas brasileñas. Por lo tanto, se discute el uso de recursos didácticos para el profesor de geografía en el aula como un mecanismo para la creación de conocimiento eficaz en la enseñanza de orientación y lectura de mapas, ya que el recurso didáctico es cualquier cosa que tenga el propósito de aproximar el estudiante con el maestro en la búsqueda de la incautación efectiva de los conocimientos listo, esto en la forma de materiales para despertar el interés del alumno.

Palabras clave: Alfabetización Cartográfica, Recursos de Enseñanza, Orientación, Lectura de Mapas.

Introdução

Não é novidade que o ensino das escolas públicas brasileiras é deficitário. O PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Geografia apresenta uma metodologia interessante para o ensino de Geografia, no entanto, na realidade a mesma não é aplicada; percebemos que atualmente os métodos utilizados por muitos professores da escola básica muitas das vezes ainda é aquele aplicado pela Geografia Tradicional.

A Geografia ministrada nas escolas transmitia os conteúdos de forma mecânica e enciclopédica, que não propunha uma discursão maior sobre o conhecimento geográfico, ficando atrelada apenas ao livro didático como recurso mediador de aprendizagem. Lacoste (1988) considerava que no final do século XIX existiam duas Geografias distintas: a geografia dos estados maiores, abastecida por um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos referentes ao espaço e de suma importância estratégica; e a geografia dos professores, que se constituiu em um verdadeiro discurso ideológico no qual objetiva mascarar a utilidade prática do conhecimento cartográfico.

De acordo com Passini (2007, p. 148)

O ensino da Geografia e o de Cartografia são indissociáveis e complementares: a primeira é conteúdo e a outra é forma. Não há possibilidade de se estudar o espaço sem representá-lo, assim como não podemos representar um espaço vazio de informações.

Nesse contexto, Katuta (2006) afirma ser possível delinear três fases distintas. Primeira entre 1930 e 1970, onde a cartografia era utilizada apenas para auxiliar a localizar e descrever fenômenos, não possibilitava a compreensão da organização territorial da sociedade. Segunda entre 1970 e 1980, introdução da geografia crítica, onde ocorreu o distanciamento entre o Ensino de Geografia e da Cartografia, devido à busca de outros referenciais metodológicos. E a terceira se dá a partir do final da década de 1980, com a valorização da linguagem como ferramenta para a construção de entendimentos de diferentes espaços. Desse modo a cartografia tornou-se um recurso fundamental para o ensino e a pesquisa da Geografia.

Para Oliveira *et al* (2008, p. 55-56) o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais “propicia ao educando o desenvolvimento de seu espírito investigativo, ao mesmo tempo que estabelece sua comunicação corporal, afetiva e social com os elementos do espaço geográfico.”

A utilização dos recursos didáticos como suporte na construção do conhecimento é, sem dúvida alguma, um instrumento bastante interessante se aplicado estrategicamente no processo de ensino-aprendizagem.

Entende-se como recurso didático tudo aquilo que tenha por finalidade fazer a aproximação do aluno com o professor na busca pela eficaz apreensão dos saberes dispostos,

isso na forma de materiais que despertem o interesse dos alunos; induzam à reflexão e gerem um *feedback* positivo para o docente em atuação.

A aplicabilidade desses recursos didáticos não deve ser efetuada de maneira avulsa, como mera forma de passatempo.

A elaboração de uma aula que envolva o uso dos recursos didáticos como ferramenta na produção do saber deve ser dotada de uma série de fatores que atuem de maneira articulada e programada, ou seja, o professor deve ousar e abusar da criatividade, contanto que seja previamente planejada conforme a realidade da turma em questão. Isso se deve ao fato de cada série apresentar uma especificidade tanto no aspecto de relação entre alunos x professor, que varia de uma determinada turma para outra e também em relação ao conteúdo que cada série deve contemplar, respeitando o PCN da referida disciplina.

Os professores de Geografia precisam buscar métodos que proporcionem o desenvolvimento qualitativo na produção do saber, de modo que ele atue como mediador da ação do aluno enquanto codificador e decodificador do espaço e de suas interações com os objetos.

Os recursos didáticos funcionam como mediadores de ensino/aprendizagem independente de sua origem seja: natural, pedagógico, tecnológico ou cultural; onde o professor ao fazer uso deste, está atuando qualitativamente na construção do conhecimento, estimulando o aluno a compreender de forma lúdica o conteúdo, auxiliando e o aproximando dos elementos e fenômenos da realidade. Nesse contexto, França (2009, p. 03) afirma que,

O professor de Geografia tem como incumbência tentar fazer com que seus alunos consigam se relacionar da melhor forma possível com o espaço que eles habitam e transformam. Porém essa tarefa não é fácil, porque eles não têm sempre a sua disposição todos os tipos de recursos necessários para conseguirem demonstrar a seus alunos toda a complexidade que temos tanto em relação à natureza quanto a sociedade.

Dessa forma, além de ter como responsabilidade selecionar recursos que colaborem na compreensão e facilite a prática do ensino, o professor tem de lidar com mais um dos diversos obstáculos que se apresentam em seu cotidiano profissional, como a falta de recursos básicos na escola ou até mesmo em muitos casos o descaso do próprio docente em se empenhar na melhoria de sua metodologia de ensino, ficando preso apenas ao livro didático, defasando, assim, a aprendizagem do ensino geográfico, que é bastante amplo e rico.

Nem sempre se encontra na prática uma realidade favorável para uma eficaz utilização desses mecanismos, infelizmente há um *déficit* da disponibilidade de recursos na educação como um todo, principalmente na rede pública de ensino brasileiro. É aí que o professor deve se comprometer em adequar-se a realidade em que habita e elencar estratégias que ele considere como garantidora dessa troca de conhecimentos, o docente sempre deve contar com um plano B caso algo não ocorra como fora planejado.

O planejamento e a constante avaliação atuam como aliados e decisivos para o êxito ao qual tanto se busca.

A ciência geográfica é uma disciplina que consegue reunir vários tipos de recursos distintos, como os recursos tecnológicos, pedagógicos e culturais.

O ensino da cartografia escolar é uma das temáticas em que se pode usar muito bem esses instrumentos, como por exemplo, uma aula no laboratório de informática com o uso do

Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia.

Florianópolis, v. 1, n. 1, maio 2017, ISSN 2359-1870.

© 2017. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

software Google Earth; a elaboração de mapas mentais com alunos do fundamental menor e a construção de uma bússola são alguns dos possíveis usos, mas é claro que deve ser aplicado respeitando a disponibilidade desses instrumentos na instituição e também o tempo disponível para a realização das atividades contratadas.

A utilização desses recursos é de extrema importância, pois se não forem utilizados, os alunos apresentarão dificuldades na compreensão da informação que quer ser transmitida, assim como também na elucidação da realidade a que ele se dispõe.

Fundamentos da Alfabetização Cartográfica

Dollfus (1982) diz que o espaço geográfico é um espaço complexo, passível de localização e de ser cartografado, diferenciado e mutável, de modo que, este apresenta características que dificultam na sua esquematização, onde a sua expressão visível é por meio da paisagem.

A epiderme da terra é dinâmica, toda e qualquer paisagem que a compõe é o reflexo de um passado de longa duração ou de um tempo curto ou médio, modificado peculiarmente. Ao analisá-las o geógrafo ou licenciado em Geografia faz uso de dois artifícios: a descrição e a explicação, de tal forma que, à medida que ocorre às diversas etapas da explicação, em dado momento, sempre acaba se voltando à descrição, analisando a partir do que se é visível para as evoluções que transcorreram sobre determinado espaço.

Devido a certa repetição de estruturas e formas atuantes numa certa superfície, pode se reproduzir um conjunto de paisagens semelhantes, porém não iguais como já mencionado anteriormente, processo este denominado de homogeneização do espaço geográfico, o qual pode ser compreendido em linhas gerais por utilizar a noção de escalas de grandeza e o estudo taxonômico dos fenômenos, verificando a extensão das formas e dos sistemas, que compreendem os processos que lhes dão origem, considerando a dimensão e o espaço.

Ao passo, a cartografia se apresenta como uma ferramenta que permite a esquematização do espaço, em função da adoção de uma escala, figurando uma seleção lógica e uniformemente criteriosa dos fenômenos documentados. Portanto, grosso modo, a cartografia é a representação (a forma) do que a geografia estuda (conteúdo).

Para Loch (2006, p. 33) “o objetivo da Cartografia, inicialmente, consiste na representação da superfície terrestre ou parte dela, de forma gráfica e bidimensional, que recebe o nome genérico de Mapa ou Carta.” Nesse contexto, ao que se refere à abordagem cartográfica no ensino de Geografia, ela se configura como um mecanismo potencializador do ensino e pesquisa da geografia.

Em conformidade Oliveira *et al* (2008, p.55-56) nas séries iniciais “[...] o seu processo de ensino-aprendizagem propicia ao educando o desenvolvimento do seu espírito investigativo, ao mesmo que estabelece sua comunicação corporal, afetiva e social com os elementos do espaço geográfico”.

Diante disso, a cartografia no ensino de Geografia com base nas três categorias de análise de Simielli (2007, p. 44) considera de modo geral que ler as representações cartográficas não indica apenas determinar localizações, mas também o educando deve estar apto a fazer análises, interpretações, correlações e sistematização daquilo que está sendo representado.

Almeida *et al* (2006, p. 18) contextualizam o processo de aprendizagem e assimilação da linguagem cartográfica em três fases, as quais são fundamentadas nas teorias de Piaget. A

primeira fase é a de construção – fase operatória; em sequência a de atribuição de símbolos aos objetos e elementos do real – codificação; e, por fim, leitura e interpretação de simbologias – decodificação. Ou seja, o espaço vivido propicia a criança bases para a percepção e compreensão do espaço percebido que, por conseguinte, o capacita ao entendimento do espaço concebido das formas. Assim, desenvolvendo a habilidade de construção de representações, o educando se tornando um codificador da realidade, onde ele aprenderá com mais facilidade a linguagem cartográfica.

Dessa maneira, Rios *et al* (2009, p.01-02) enfatizam,

O domínio da linguagem cartográfica constitui-se num fator de relevância para o desenvolvimento e ensino dos conteúdos relacionados a Geografia entre outras disciplinas escolares, principalmente para as crianças, porque a partir desses conhecimentos, os alunos, passam a compreender melhor a organização do espaço onde eles se encontram, minimizando dessa forma as dificuldades nas séries posteriores, onde os conteúdos se apresentam de forma mais complexa.

Ao entender que o espaço geográfico é constituído de diversas paisagens, os mapas são os recursos visuais mais recomendados para a percepção destas. Para Passini (2007, p. 56)

A possibilidade de ler os mapas de forma adequada é de grande importância para educar o aluno e as pessoas em geral para autonomia. Contudo, para alcançarmos esta meta, o uso de mapas em sala de aula não deve se limitar a um instrumento de ilustração pura e simples, como frequentemente é utilizado pelos professores, mas de informação.

Sendo assim, “para o desenvolvimento da Alfabetização Cartográfica espera-se que os alunos reconheçam, no seu cotidiano, os referenciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam.” (RIOS *et al*, 2009, p. 05).

Atuando como mediador o professor deve desde o princípio esclarecer que o mapa é mais que uma ilustração, como muitos confundem, ele funciona, principalmente, como instrumento de informação.

Defasagem do Ensino Cartográfico nas Séries Iniciais

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), a escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre a linguagem cartográfica em dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas.

Torna-se indispensável que os alunos tenham a capacidade de fazer a leitura de mapas, como também sejam autores de mapas, principalmente a partir de fenômenos contidos em seu cotidiano. É nesse momento que os alunos são deficitários, talvez eles não tenham obtido uma boa alfabetização cartográfica, em alguns casos até a falta dela. Essa não é uma realidade

isolada de determinada região, é uma realidade com as quais nós professores de geografia temos de lidar a bastante tempo.

Muitos alunos vêm os mapas apenas como uma figura ilustrativa, não os interpretam, não levam em consideração os fenômenos que estão por trás de determinada representação. Mas se eles não conseguem visualizar e interpretar a sua realidade próxima, como irão decodificar processos e fenômenos diversos contidos em uma mesma representação?

Para Almeida (2006) aos alunos passarem por uma alfabetização cartográfica deficitária no ensino fundamental, carregando conceitos fragmentados desde as séries iniciais. Pode-se concluir que quando um aluno não obtém no Ensino Fundamental primário uma boa alfabetização cartográfica, conseqüentemente ele apresentará dificuldades em desenvolver habilidades cartográficas no decorrer de sua formação, enquanto codificador e decodificador de símbolos.

De acordo com Francischett (2004, p. 01)

É possível perceber que o estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade. Ele contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. Os alunos precisam ser preparados para que construam conhecimentos fundamentais sobre essa linguagem, como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores.

Dessa forma, para Oliveira *et al* (2008, p.56) “a alfabetização cartográfica realizada no ensino fundamental não é efetiva, pois os alunos passam de uma série para outra com conceitos fragmentados”.

No contexto escolar do Brasil, não é difícil encontrar professores despreparados para as práticas propostas pelos PCNs, visto que, em muitos casos dado professor é obrigado a administrar uma disciplina cuja qual não é competência dele. Ou mesmo, professores que são da área, mas obtiveram uma formação deficitária.

Câmara *et al* (2012, p. 34) entendem que “[...] uma formação inicial do professor de Geografia quando bem qualificada reflete significativamente na maneira como a Cartografia é trabalhada na Educação Básica”. E completam, “A ausência de uma formação contínua e continuada também implica sérias deficiências no ensino da Geografia.” (CÂMARA *et al*, 2012, p. 51)

Historicamente outros fatores são relevantes ainda de forte influência no cotidiano escolar das escolas no Brasil, como o uso superficial e descritivo dos conteúdos geográficos, os quais em determinada datação foram objetos de manipulação de políticas estatais, como por exemplo, no tempo da Ditadura Militar. Dessa forma, a formação escolar deve estar fundamentada na produção de saberes com caráter crítico e transformador no ensino geográfico para que se possa suplantar essa realidade.

Uso dos Recursos Didáticos no Ensino de Orientação e leitura de Mapas

O uso dos recursos didáticos pelo professor na sala de aula como mecanismo para uma construção do conhecimento eficiente para com seus alunos é de extrema importância para que se tenha um retorno significativo das práticas educativas que são ensinadas.

Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia.

Florianópolis, v. 1, n. 1, maio 2017, ISSN 2359-1870.

© 2017. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

Voltando-se especificamente para o ensino de Geografia, abre-se um leque de possibilidades para que o uso desses recursos seja colocado em prática, isso porque a geografia está presente em todos os lugares, tudo é geografia.

A apreensão da alfabetização cartográfica apesar de ser extremamente importante principalmente para as noções básicas do cotidiano muitas vezes é ignorada e resulta numa falta de habilidades para se portar em situações comuns do dia-dia, como se localizar dentro de um *shopping* por exemplo.

O que acontece é que geralmente isso se dá porque a criança desde os seus primeiros anos escolares não adquire uma base bem firmada do ensino cartográfico e carrega consigo muitas vezes durante toda a sua vida essa ausência que pode lhe comprometer futuramente.

Constantemente a localização e a orientação geográfica são utilizadas por todos que constituem o espaço geográfico e são duas das primeiras habilidades que o ser humano passa a adquirir em sua vida, mas é necessário que essas habilidades sejam aprimoradas gradativamente, ao passo que o desenvolvimento cognitivo vá avançando no indivíduo.

Quando o estudante consegue adquirir as competências que a alfabetização cartográfica propõe, muito provavelmente ele irá reconhecer o quanto ela está presente na sua vida e não terá mais a ótica que se tinha antes, de um ensino de cartografia entediante e monótono. Mas é claro que isso não depende só do aluno, o professor é agente ativo na construção desse processo, o constante planejamento e acompanhamento são as diretrizes básicas para que se fundamente na prática o que é proposto teoricamente.

Segundo Simielli (1999, p. 98), as competências básicas propostas aos alunos de séries iniciais são principalmente a compreensão da:

- visão oblíqua e visão vertical;
- imagem tridimensional, imagem bidimensional;
- alfabeto cartográfico: ponto, linha e área;
- construção da noção de legenda;
- proporção e escala;
- lateralidade / referências, orientação.

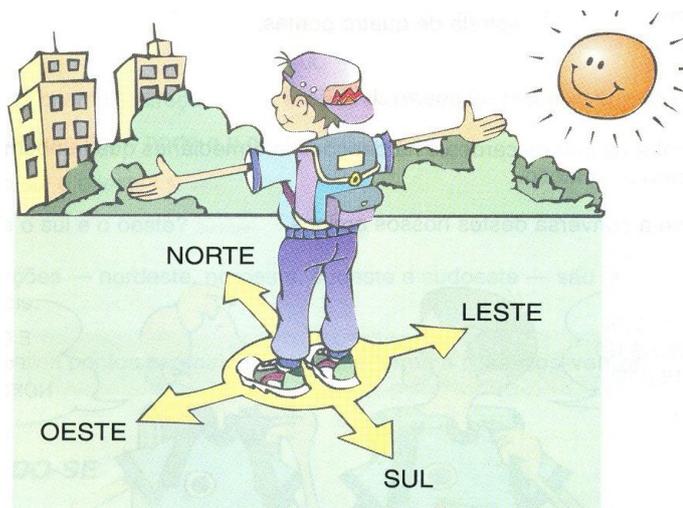


Figura 1 – Identificação dos Pontos Cardeais

Fonte: Images Google (2015).

Ao assimilar essas noções, o aluno poderá facilmente identificar as informações contidas em um mapa e quais os significados que elas representam na realidade, já que o mapa é, grosso modo, uma representação gráfica codificada da superfície terrestre. Ocorre muito de o mapa ser tratada como mera forma de ilustração, com informações muitas vezes ignoradas, sendo erros cruciais que comprometem a sua leitura.

De acordo com Passini (2007, p. 144)

O avanço nos níveis de leitura de mapas e gráficos permite ao leitor tornar-se reflexivo e crítico: vê o problema, analisá-lo e investigar caminhos para sua solução, criar circunstâncias desafiadoras para que ocorram avanços nos níveis de leitura é o objetivo de “Alfabetização cartográfica”.

O uso dos recursos didáticos pode ser iniciado na cartografia escolar no estudo de orientação quando a criança já consegue identificar os sentidos das direções, fazendo com que ela aponte a mão direita para a direção leste, aonde o sol nasce e a mão esquerda para a direção contrária, identificando assim a direção oeste e marcando a posição à frente do seu corpo como norte e a de trás como sul. Isso fará com que haja uma identificação de como funcionam os pontos cardeais (ver figura 1).



Figura 2 – Processo de identificação das feições de um mapa

Fonte: Images Google, 2015.

Outra metodologia que pode ser trabalhada a partir dos recursos didáticos seria a utilização do globo terrestre, que de acordo com (Schäffer *et al*, 2005. p. 34)

Possibilita mostrar de forma total os elementos físico-geográficos; mostram de forma total as divisões políticas dos países; traz a rede de coordenadas

Pesquisar - Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia.
Florianópolis, v. 1, n. 1, maio 2017, ISSN 2359-1870.

© 2017. Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os direitos reservados.

geográficas sem distorções; possibilita a simulação dos movimentos da Terra (dia-noite, estações do ano, fuso horário, e eclipses); além de suscitar indagações e despertar curiosidade àqueles que a manuseia.

Deve-se levar em conta ao utilizar os mapas como recurso metodológico que eles trabalham com a comunicação de dados, devido a isso há um vasto leque de possíveis usos.



Figura 3 – Bússola utilizada como Recuso Didático com alunos

Fonte: Images Google, 2015.

O mapa pode ser usado para identificação dos pontos, linhas e polígonos; para identificar as feições existentes; mostrar a distribuição espacial de algum fenômeno geográfico; a compreensão da visão vertical; a proporção e a escala; como o título e a legenda foram estruturados; diferenciação dos símbolos cartográficos; os limites e as fronteiras de determinada área, entre outros pontos.

Na oportunidade de se trabalhar com o uso dos mapas, cabe também incluir a confecção dos mapas mentais, porque eles são uma interpretação do real por parte das crianças representada no papel através do desenho. Assim, o aluno compreenderá com mais profundidade o espaço em que habita e também terá noções de como um mapa é constituído.

A bússola não pode deixar de ser usada pelos professores com os seus alunos, porque ela possibilita identificar o polo magnético, a rosa dos ventos, entre outras grandezas. Segundo Brandão *et al* (2013, p. 89)

Uma atividade que pode ser desenvolvida, utilizando este recurso, é pedir para os alunos realizarem a trajetória de um ponto a outro dentro da escola, anotando em uma folha os pontos cardeais e a quantidade de passos, estipulando dois a três chegadas, e numa outra folha os lugares onde se espera que o usuário chegue. Com isto, trocam-se as folhas entre os alunos e observa se os alunos souberam utilizar este instrumento para se localizarem. É uma atividade de envolve aprendizagem mútua, uma vez que os alunos possam auxiliar uns aos outros no percurso.

Os *Softwares* educativos e demais recursos tecnológicos estão atualmente auxiliando amplamente no ensino da cartografia escolar e devem ser incentivados e colocados em prática.



Figura 4 – Tela inicial do Software Google Earth

Fonte: Google Earth 2015.

O *Google Earth* é destaque nesse âmbito, isso se deve a multifuncionalidade que o programa oferece ao seu usuário, suas imagens tridimensionais de alta resolução podem trazer para os alunos uma visão mais abrangente do que foi visto em sala de aula e os incluem no decreto que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação constituiu que prega a qualificação do cidadão no âmbito escolar para a adequação deste na sociedade tecnológica.

Desenvolvimento de atividade com recurso didático

Mediante as dificuldades demonstradas anteriormente sobre a defasagem da alfabetização cartográfica e o ensino de orientação e leitura de mapas nas séries iniciais, propomos um planejamento que julgamos ser apropriado para elucidação do conteúdo em sala.

O público alvo fora escolhido com base nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de modo que o cronograma segue uma sequência de três aulas.

No primeiro momento serão feitos apontamentos sobre o que tem caracterizado a defasagem do ensino cartográfico nas escolas brasileiras; a segunda aula será mais voltada para a exposição das noções básicas necessárias para obter uma boa alfabetização cartográfica, e por fim, uma aula prática cujo objetivo é promover a vivência dos alunos em campo buscando uma melhor assimilação do que fora contextualizado em sala.

Tema: Alfabetização cartográfica e a defasagem do ensino da cartografia nas séries iniciais: uso dos recursos didáticos no ensino de orientação e leitura de mapas.

Objetivo Geral

Compreender a atual defasagem do Ensino Cartográfico nas séries iniciais, apropriando-se do uso dos Recursos Didáticos como alternativa para um possível avanço.

Objetivos Específicos

- Elencar os principais fatores que dificultam a apreensão dos conhecimentos da Cartografia Escolar nas séries iniciais;
- Apresentar o uso dos Recursos Didáticos como proposta de uma possível saída para um ensino da cartografia escolar de qualidade.

Metodologia

Apontar os reais motivos da defasagem do conteúdo cartográfico na realidade escolar, seguindo com a exposição das noções básicas para uma efetiva alfabetização cartográfica, tais como: a visão oblíqua e a visão vertical, a imagem tridimensional e a imagem bidimensional, o alfabeto cartográfico (ponto, linha e área), entre outros. Fazer o uso do espaço concreto do aluno, o mais próximo dele, ou seja, o espaço da sala de aula, da escola, do bairro, promovendo a elaboração de um croqui para a finalização das atividades.

Público alvo: 6º ano do Ensino Fundamental.

Cronograma de Execução:

- **Aula 1:** Apontar os possíveis motivos que resultam na defasagem da cartografia no âmbito escolar e contextualizá-los junto a turma, para isso serão utilizados textos como base para fundamentação teórica. Será utilizado o Data Show enquanto recurso didático.
- **Aula 2:** Exposição para os alunos das noções básicas necessárias para a Alfabetização Cartográfica de forma gradativa, respeitando o nível cognitivo dos mesmos.
- **Aula 3:** Propor uma aula de campo, colocando em prática o que foi contextualizado em sala de aula. O campo terá início primeiramente no interior da sala de aula, depois disso se dará no entorno da escola e, por fim, em volta do quarteirão. Cada aluno receberá uma folha de papel A4 e um lápis para a elaboração de um croqui, tendo como referência o a aula de campo ministrada.

Duração Total: 3 aulas.

Materiais que serão utilizados:

- Data Show; papel A4; lápis; textos para referencial teórico.

Conclusões

É evidente que a defasagem da cartografia é um problema a ser solucionado no âmbito escolar.

A falta de disponibilidade de materiais didáticos, uma formação de má qualidade dos professores, o descaso que o setor governamental geralmente tem com as instituições de ensino ou até mesmo a falta de interesse do próprio estudante são algumas das possíveis causas da atual situação que se encontra a alfabetização cartográfica no Brasil.

Acreditamos que a cartografia no ensino de geografia ainda não alcançou um nível satisfatório principalmente nas séries iniciais.

É preciso repensar formas que tentem reverter essa situação o mais rápido possível, mas é evidente que para que isso aconteça, todos que fazem a escola devem unir forças e selecionar medidas que prezem por metodologias capazes de instigar os alunos a aprenderem e a compreenderem o quanto o ensino cartográfico é importante em suas vidas e a partir disso poder formar cidadãos capazes de pensar e utilizar a linguagem cartográfica sempre que necessitarem.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y., **O Espaço Geográfico: Ensino e Representação**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC, 1998.
- CÂMARA, C. F.; BARBOSA, M. E. S. Abordagem Cartográfica no Ensino de Geografia: reflexões para o Ensino Fundamental. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 3, p. 31-53, 2012.
- DOLLFUS. O. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- FRANCISCHETT, M. N.. **A cartografia no ensino aprendizagem da geografia**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.
- KATUTA, A. M. A linguagem cartográfica no ensino superior e básico. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de.(Orgs). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOCH, R. E. N. **Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- MELLO, M. C. O.; BRANDÃO, I. D. N. Recursos didáticos no ensino de Geografia: tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas. **Geografia e Pesquisa (UNESP. Ourinhos)**, v. 7, p. 81-97, 2013.
- OLIVEIRA, A. K. P. de; WANKLER, F. L. A alfabetização cartográfica na escola: uma leitura feita através dos mapas. **Revista Acta Geográfica**, Ano II, n. 4, p. 55-65, jul./dez, 2008.
- PASSINI, E. Y. **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. **Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia**. Geografia (Londrina), v. 16, n. 1, p. 143-168, 2007.
- ROMUALDO, S. S.; SOUZA, G. M. Discutindo a alfabetização cartográfica infantil: uma contribuição ao ensino de Geografia nas séries iniciais. In: **X Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**, 2009, Porto Alegre. Encontro Nacional de Prática de Ensino de

Geografia-ENPEG: o ensino de Geografia e suas Composições Curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

RIOS, R. B.; MENDES, J. S. **Alfabetização Cartográfica: Práticas Pedagógicas nas Séries Iniciais**. 2009. (Apresentação de Trabalho/Outra).

SCHÄFFER, N. O. *et al.* **Um globo em suas mãos: práticas para a sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

Artigo recebido em: 27 nov. 2016

Aprovado em: 28 abr. 2017
